



**Patrimonialismo, cordialidade, herdeiros: indícios de Buarque de Holanda,
Bourdieu e Passeron na estrutura política do “Ministério” Capanema**

Lara Rodrigues Pereira*

Resumo: A ideia central deste texto é mapear traços da origem, formação intelectual, inserção na ordem política do período, e, por fim, atuação de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde. Minha intenção, para futura tese de doutorado, é conhecer profundamente a estrutura do referido Ministério e, para tanto, pareceu-me oportuno compreender o percurso de seus principais artífices, com ênfase para o ministro Capanema. Ao debruçar-me sobre sua biografia pude entendê-lo como indivíduo, cuja profissão, estava diretamente ligada à formação educacional, intelectual e política que teve e, sobretudo, em virtude de suas origens. Com base nestes aspectos, encontrei em estudos de Sérgio Buarque de Holanda, Bourdieu e Passeron conceitos que me pareceram salutares para explicar sua trajetória no Ministério da Educação e Saúde de Vargas.

Palavras-chave: Patrimonialismo. Cordialidade. Capanema

Abstract: The central idea of this paper isto map trace the origin, intellectual, political integration in the period, and finally, Gustavo Capanema operations in the Ministry of Education and Health. My intention for future doctoral thesis, is deeply know performance of that Ministryand, therefore, it seemed opportune tounderstandthe trajectory of its principal architects, with emphasis Minister Capanema. Todwell onhis biographyI couldunderstand himas a personwhoseprofessionwas directly linkedto the educational, intellectual andpolicy thathadand, above all, because of its origins. Based on these aspects, found in studies of Sérgio Buarque de Holanda, Bourdieu and

* Doutoranda em Educação pela UFSC. lararp81@gmail.com



Passeron concepts that seemed salutary to explain his career at the Ministry of Education and Health Vargas.

Keywords: Patrimonialism. Warmth. Capanema.

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda dedicou-se a tentar compreender as estruturas sociais brasileiras, tendo seu olhar voltado para os agentes que as compunham. Percebeu que emergiam deles características que datavam dos primórdios da nação (traços ibéricos de nossa colonização) e que por serem tão frequentes constituíram-se em categorias sociais, tendo no homem cordial, talvez a mais forte delas. Sua análise detecta na indolência, falta de apego aos rituais, procedimentos burocráticos e à impessoalidade, traços frequentes do homem cordial e, por conseguinte, das instituições brasileiras. Tais características resultam em práticas que buscam burlar normativos, no lugar do seu cumprimento, e em função disso são perpetuados problemas crônicos como a democracia instável e a corrupção, localizada tanto nas estruturas privadas como nas públicas.

O “homem cordial”, possível matriz da “malandragem” e do “jeitinho brasileiro”, foi evidenciado por Sérgio Buarque de Holanda na primeira edição de *Raízes do Brasil*, datada de 1936. Localizam-se também naquele período, transformações consideráveis na gestão do Estado nacional decorrentes da “ruptura” ocorrida em 1930. A ascensão de Vargas foi marcada pela preservação de práticas políticas adotadas no Brasil desde sua gênese, como o compadrio, mas localizou-se também, em sua gestão, sensível deslocamento das forças produtivas brasileiras, de uma lógica predominantemente agrária, para o limiar da industrialização. Data da era Vargas o nascimento de centelha de modernização das estruturas sociais, sobretudo urbanas, por intermédio do que Ângela de Castro Gomes (2005) reconheceu como trabalhismo. “Dinamizações” sociais à parte, pode-se dizer que, durante toda a gestão Vargas, com ênfase para o Estado Novo, percebe-se a manutenção “do homem cordial” na estrutura Estatal. Trato aqui de algumas destas personalidades que aptas ou não a ocuparem os



postos que ocuparam, só o fizeram porque estavam inseridas dentro de uma rede de conexões em evidência naquele contexto político.

Gustavo Capanema, bacharel em direito, mineiro de Pitangui, vinha de família abastada e bem relacionada e, não por acaso, chegou aos postos de Ministro da Educação e Saúde, deputado constituinte e senador. De maneira gradativa, foi ocupando lugares sobre os quais sua família já detinha, tacitamente posse, havia gerações, como a vereança na cidade natal, conforme trecho da carta escrita à mãe em abril de 1927 (HORTA, 2010, p. 18): “Vou para o Rio de Janeiro amanhã. Demorarei só uns três ou quatro dias. E depois voltarei de novo para Pitangui, para esta enfastante Pitangui, onde me espera, além do mais, a maçada de ser vereador.” Por intermédio do, também mineiro, Francisco Campos, seu antecessor no Ministério da Educação e Saúde, Capanema começa em 1930 a projetar-se no cenário político nacional. De acordo com José Silvério Baia Horta (2010), Campos foi o mentor político e intelectual de Capanema, embora os dois, anos mais tarde, estivessem em lados opostos neste *front*.

Após ocupar o cargo de interventor interino de Minas Gerais, depois da morte do titular Olegário Maciel, em 1933, chega a ele convite para assumir a vaga de representante mineiro no Departamento Nacional do Café (DPC). Capanema, que havia sido preterido para o cargo de interventor titular, recusa o convite e retorna para sua cidade natal esperando ofertas mais expressivas para compor o *staff* varguista. Chama atenção a carta enviada por ele a Vargas (HORTA, 2010, p 23) quando educadamente dispensa a vaga oferecida no DPC. Nela é possível encontrarmos traços fundamentais do que Buarque de Holanda identificou como bases de seu “homem cordial”: a informalidade ligada a uma ideia de intimidade.

Prezado amigo doutor Getúlio Vargas.

Saudações afetuosas.

Depois da última audiência que o sr. me concedeu, tratei de averiguar se a residência em Minas seria compatível com o exercício regular de representante mineiro do Departamento Nacional do Café, cargo que o sr tão generosamente colocou à minha disposição. Verifiquei que isso não é possível. Para que se exerça, conscienciosamente, com real proveito para o serviço público, aquele cargo, cumpre ao seu detentor morar no Rio de Janeiro. Ora, presentemente, e pelas razões que expus, não poderei afastar-me de Minas Gerais. Forçado assim, a não



Revista Latino-Americana de História

Discentes do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS

ocupar aquela posição, quero, entretanto, mais uma vez, manifestar-lhe o meu grande reconhecimento pelo seu gesto, tão cheio de gentileza e amizade, oferecendo-me esta possibilidade de trabalhar pela economia de meu estado. Aqui continuo, como sempre, ao seu dispor, pronto, com os meus amigos, a trabalhar na defesa de seu governo, bem como a pugnar pela eleição de seu nome para a presidência constitucional da República, conforme os compromissos, que no interesse da nação, com o sr assumi mais de uma vez. Sou com estima e apreço, seu amigo, Gustavo Capanema. 26-01-1934.

Diversas vezes Capanema recorre à estratégia da intimidade, usando para isso, a palavra amizade e derivadas ao dirigir-se à Vargas. O afeto, outra questão que Buarque de Holanda identifica como artifício da construção da cordialidade, aparece no texto do futuro ministro ao rejeitar a vaga do DPC, iniciando naquele momento o caminho para a pasta, até então ocupada por seu mentor Francisco Campos, que a deixará para dirigir o Ministério da Justiça. Outro aspecto pode ser salientado com relação ao afeto, informalidade e intimidade. A cordialidade, resultado da combinação destas três esferas, é confundida com respeito, devoção e admiração ao presidente, pois “O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditado por uma ética de fundo emotivo representa um segmento da vida brasileira.” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995 p. 149).

A patrimonialização pode ser identificada no trecho em que Capanema coloca seus amigos à disposição de Vargas, pois, segundo Buarque de Holanda, este termo está ligado à extensão de aspectos da vida privada à profissional. A informalidade e a confusão do público com o privado, marcas da patrimonialização, estão presentes nesta correspondência. A justificativa de Capanema para não assumir a vaga no DPC desaparece quando lhe é oferecida a direção do Ministério da Educação e Saúde, sendo que, em questão de poucos meses, o que o prendia a Minas, convenientemente, se dissolve frente à possibilidade de ser Ministro.

Cordialidade também pode ser identificada como uma questão de conveniência, pois na carta citada, o futuro ministro bajula o presidente Vargas, no entanto, anos depois de assumir o Ministério da Educação e Saúde, seu intento na época da primeira correspondência, Capanema preserva traços do homem cordial em sua redação, porém de maneira mais dosada, conforme a seguir (HORTA, 2010, p.20):



Revista Latino-Americana de História

Discentes do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1935.

Meu caro presidente.

Trago-lhe, finalmente, o projeto de reorganização do Ministério da Educação. Antes do mais, peço-lhe que me perdoe a demora. Demorei muito. Mas, demorei, porque não queria apresentar-lhe uma reforma parcial, feita de afogadilho. Demorei, não para distrair-me com outras coisas, mas para consagrar-me fervorosamente, num trabalho realmente penoso, à elaboração de um projeto de grande vulto.

Em “Os Herdeiros os estudantes e a Cultura”, Bourdieu e Passeron analisam a estrutura escolar francesa, na segunda metade do século XX, questionando a democratização do ensino superior naquele país, supostamente dada pelo advento do Republicanismo. Sua pesquisa apurou números que apontavam para a perpetuação das desigualdades sociais, uma vez que, perceberam que aos filhos de operários, o ingresso no ensino superior era praticamente vetado pelos processos de exclusão social. Em contrapartida, aos filhos da elite, cujas gerações anteriores já tinham tido a oportunidade de acesso às universidades, o ingresso no ensino superior era algo tacitamente conquistado. A trajetória de Capanema, bem como aspectos reformistas de sua atuação ministerial, podem ser reconhecidos como indícios brasileiros de relações apuradas por Bourdieu e Passeron em “Os Herdeiros”. Embora “Raízes do Brasil” tenha sido um ensaio referente à primeira metade do século XX e “Os Herdeiros” à metade seguinte, e o acesso ao ensino, sobretudo à educação básica, tenha tido caráter muito mais democrático na França do que no Brasil, no século de lançamento de ambas as obras, é possível percebermos pontos de encontro entre os dois estudos, sobretudo se pensarmos no Brasil de Capanema. De acordo com a lógica de Bourdieu e Passeron, Capanema poderia ser considerado um “herdeiro” e se pensarmos em Buarque de Holanda, ele seria um legítimo representante da cultura bacharelesca, tendo em vista sua origem e projeção alcançada, muito, em virtude dela.

A lógica cordial continua no Ministério da Educação e Saúde assumido por Capanema em julho de 1934. A impessoalidade, que deveria caracterizar o Estado Burocrático, não era (e não é) recorrente na estrutura pública brasileira (levando-se em conta os cargos ocupados por não concursados), pois “A escolha dos homens que irão exercer funções públicas faz-se de acordo com a confiança pessoal que mereçam os candidatos, e muito menos, de acordo com as suas capacidades próprias.” (BUARQUE



DE HOLANDA, 1995, p146). O novo ministro escolheu para chefe de gabinete seu amigo Carlos Drummond de Andrade que continuará no cargo, tal qual Capanema, até 1945. Os dois se conheciam desde a vivência acadêmica em Minas Gerais e esta amizade servirá para a incorporação ocasional ou efetiva, no ministério, de alguns dos contatos de Drummond, tais como: Heitor Villa Lobos, Mário de Andrade, Cândido Portinari, Lúcio Costa, dentre outros (BOMENY, 2001, p.34).

A história da aproximação dos intelectuais com o poder na gestão Capanema é uma história cujo traçado é anterior aos tempos de ministério. Um grupo de amigos teve em um momento do tempo, e em um espaço geográfico, o que era preciso para selar o sentido de uma geração. Geração compreendida aqui no sentido que classicamente lhe conferiu Karl Mannheim: uma forma particular de identidade de local que abarca grupos de idade inseridos em um mesmo processo histórico-social. O importante desta formulação é o fato de serem os grupos concebidos como pessoas de idade semelhante que compartilham experiências comuns que os distinguem de seus contemporâneos em outros grupos de idade. É a dimensão de compartilhar socialmente experiências o que confere o significado especial à formulação manheimiana. O momento que nos cabe aqui é a década de 1920, e o espaço é a cidade de Belo Horizonte, a cidade, capital da primeira geração modernista, de Minas Gerais.

Além da dimensão contemporânea citada por Bomeny, o acesso que tais artistas e intelectuais modernistas tiveram ao ensino superior, reforçaria a lógica de Bourdieu e Passeron (2014), bem como a de Buarque de Holanda (1995), pois suas relações se deram em um contexto marcado pela similaridade de suas origens, o que reforçaria, ainda mais, a comunhão artístico-intelectual dada entre eles.

A gestão Capanema foi atuante na proposta e criação de legislação específica voltada ao ensino secundário técnico, bem como na esfera cultural, pois a articulação de renomados profissionais das artes com a criação de departamentos específicos para englobá-los viabilizou notoriedade ao ministério e, sobretudo, ao ministro. Sua constelação de intelectuais e artistas ajudou a traçar um perfil diversificado para a pasta da Educação e Saúde dado por meio do Instituto Nacional do Cinema Educativo, Divisão do Canto Orfeônico, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, entre outras divisões. Credita-se também à Capanema a perpetuação e institucionalização de segmentação do ensino entre elite e massas, por meio dos



decretos propostos pelo ministério e que foram reconhecidos como Reforma Capanema. Para o secundário, destinado à elite, pensava-se em um ensino voltado aos ciclos longos e teóricos que eram contrastados pelo estudo prático e mais curto das escolas técnicas, destinadas às massas, com o intuito de perpetuar as diferenças sociais brasileiras, a serviço da industrialização (DALLABRIDA, 2009).

O filme do INCE¹, *O Ensino Industrial no Brasil*², de 1947, é exemplo da preocupação com a consolidação do ensino técnico, mas, além disso, pode ser compreendido como difusor das benesses deste tipo de educação, para os jovens e para o país. A abertura do documentário composta por um mapa do Brasil, salpicado por pontos referentes às localidades onde o ensino técnico se fazia presente até então, é sucedida pela narração com entonação à Repórter Esso: “O ensino industrial no Brasil, obra de significação nacional e de sentido moderno está diretamente orientado para o povo e relacionado com a técnica da produção.” Pode-se observar que, mesmo após a saída de Capanema do Ministério, a produção do INCE, continuava tributária da lógica industrial implementada em sua gestão por meio das reformas educacionais e consequente construção de diversas escolas técnicas. O documentário é concluído com a seguinte narração: “O diploma resultante da prática e da teoria, harmonicamente conjugadas, será o ingresso seguro para grandes realizações nas indústrias do Brasil!”. A imagem final coaduna-se com a narração mostrando a entrega de um diploma a um estudante de uma das tantas escolas técnicas e industriais brasileiras. A julgar pelo desfecho, a ideia passada é a de que o caminho mais seguro para a conquista do trabalho seria o ingresso em uma das instituições técnicas e industriais como aquela. Mais do que um apelo aos pais, o filme dialogava com a juventude que cursava a educação básica, ginasial da época, fazendo-lhes o convite para aderirem à educação estatal voltada à manutenção das “modernas” indústrias.

Das reformas geridas por Capanema visando o ensino técnico para suprir as necessidades da nação, que tencionava lançar-se aos desígnios da industrialização, contrasta-se a manutenção de segmento da população que seria destinado ao

¹ Instituto nacional do cinema educativo, criado em 1936, com Capanema à frente do Ministério da Educação e Saúde.

² *O Ensino industrial no Brasil*. Direção de Humberto Mauro. INCE, Brasil, 1947 (10 min.). DVD preto e branco.



“bacharelismo” conforme Buarque de Holanda. Capanema fora, em grande medida, um “herdeiro” e resultado da cultura bacharelesca brasileira, pois, não se limitou a exercer a função de advogado, uma vez que, a bacharéis como ele cabiam, normalmente, papéis de destaque no cenário político local-nacional, em função de seu preparo, mas também de seu berço e conexões.

Pode-se observar que os intelectuais e artistas que tomaram parte no *staff* Capanema também estavam sujeitos a esta dinâmica, pois, por meio de seus contatos, recorreram ao Estado, que veio a atuar, como um mecenas para sua produção. Mas, a alocação de intelectuais e artistas no seio da estrutura do Estado precisa ser compreendida para além dos vínculos amigáveis que tinham com pessoas politicamente influentes, pois, assim como são complexas tais estruturas, os indivíduos que as conformam são igualmente complexos. Para ilustrar tal questão Helena Bomeny lança mão de trecho de Simon Schwartzman (1990. P. 2), usando como exemplo a figura de Carlos Drummond de Andrade: “Explicar a presença incômoda de Drummond neste Ministério por simples razões de amizade, ou dizer que sua atuação foi simplesmente burocrática e administrativa, é fazer pouco de sua inteligência e seus valores...” A presença de indivíduos como Drummond de Andrade nas trincheiras do autoritário Estado Novo é perpassada por discordâncias com a gestão estabelecida por ele. Tais tensões, não implicariam em oposição ferrenha aos desígnios da política estabelecida pela ordem estatal, mas, tampouco pressupunham total colaboracionismo com o que tal ordem pregava. A participação destes sujeitos no Estado Novo estava diretamente ligada à promessa de Estado de Bem Estar social por ele anunciada e que, contestações a parte, foi estabelecida, sobretudo pelos “triumfos” da classe trabalhadora que entregou-se ao Estado, amarrando-se à sindicatos subordinados à ele, em troca das benesses por ele concedidas.

Como exemplo da comunhão de intelectuais a Estados autoritários, fora do país, podemos recorrer à figura de Roberto Rossellini, que, embora, tenha tido formação política ligada ao partido comunista italiano, veio a integrar a estrutura de propaganda política fascista do instituto LUCE³, assumindo a direção do filme *La Nave Bianca*⁴.

³ Instituto de Cinema Educativo e de Propaganda política fascista italiano.

⁴ *La Nave Bianca* Direção de Roberto Rossellini. Itália LUCE, 1941 (90 min.) DVD preto e branco.



É preciso identificar a heterogeneidade na construção do Estado Novo, por meio dos intelectuais e artistas cujas práticas e vivências tinham diferentes matrizes políticas, conforme identificou Lucia Lippi Oliveira (OLIVEIRA, p. 508):

O Estado Novo, em sua complexa trama de “tradição” e “modernização”, exerceu um apelo substancial sobre a intelectualidade brasileira. Figuras egressas do modernismo – tanto os que ingressaram nos movimentos radicais dos anos 30, quanto os que mantiveram ligados aos partidos tradicionais – foram desembocar numa corrente comum que se insere no projeto de construção do Estado nacional. Literatos modernistas, políticos integralistas, positivistas, católicos, socialistas são encontrados trabalhando lado a lado...

A união pouco provável de indivíduos com inclinações políticas tão diversificadas responde ao apelo feito por Vargas pleiteando união nacional para que a partir dela, emergisse uma nação coesa, porém ciente de suas diversificadas nuances. Entretanto, o duelo entre indivíduos com ideologias tão antagônicas era dado nos bastidores do poder público a exemplo do que sugere Baía Horta (2010, p.26) em seu estudo sobre Gustavo Capanema:

E os entendimentos com Plínio Salgado continuam. É, novamente, Getúlio Vargas, quem escreve, em 06-12-1937: “os integralistas, passada a revolta, ou os mal-entendidos das primeiras horas, estão procurando acomodar-se. O Plínio Salgado mandou-me uma longa explicação por intermédio do subchefe da minha Casa Militar. Ele deseja aceitar o Ministério da Educação e está preparando para isso a sua gente.

O plano de Vargas não se concretizou sendo que a troca de Capanema por Plínio Salgado não ocorreu, mas o trecho acima deixa transparecer que o trânsito entre sujeitos oriundos de correntes políticas distintas ajudava a compor a lógica administrativa da época. Metaforicamente, o já citado Rossellini, em seu filme inaugural do Neorealismo italiano, *Roma Città Aperta*⁵, aproxima indivíduos pertencentes a grupos políticos antagônicos, mas, que se unem, a despeito de irreconciliáveis diferenças com o intuito de resgatar o país da égide, outrora triunfante, do fascismo agora em ruínas. O padre alia-se ao engenheiro comunista para concretizar a luta *partisan*. É fato que anos mais tarde tal comunhão mostra-se impossível, culminando com a ascensão da Social

⁵ Roma, Città Aperta. Direção Roberto Rossellini. Itália, Cinecittá, 1945(98 min.) DVD preto e branco.



Democracia Cristã e nas ações clandestinas dos grupos de esquerda através das Brigadas Vermelhas. Mas, tal qual ocorreu na Itália, que tentava superar o fascismo, no Brasil que tentava consolidar os intentos da revolução de 1930, (unindo tradição e modernismo, conforme apontou Lippi) tais momentos de ruptura política teriam a prerrogativa de unir grupos opostos para a construção de uma outra ordem social.

Gustavo Capanema provou ser habilidoso articulador das potencialidades de artistas e intelectuais em prol das necessidades do Ministério da Educação e de sua longevidade à frente daquela pasta. A busca pela produção de “homens novos” para o “Estado Novo”, longe de ser apenas um chavão dos discursos de Vargas, foi ideia apropriada pelo *staff* Capanema. As contradições e diferentes projetos educacionais que emergiam delas fizeram parte da pasta Educação e Saúde e a partir delas, consolidou-se um maior controle do Estado sobre a educação brasileira.

Referências Bibliográficas

- BOMENY, Helena. **Infidelidades eletivas: intelectuais e política**. In: CONSTELAÇÃO Capanema: intelectuais e política/ Helena Bomeny (Org.). Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2001. p.11-35.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os Herdeiros: os estudantes e a Cultura**. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papirus, 1998.
- DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a Modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**, Porto Alegre, v.32, n.2, p. 185-191, maio-agosto 2009.
- GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro, FGV, 2005.
- HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- HORTA, José Silvério Baia. **Gustavo Capanema**. Recife: Ed. Massangana, 2010.



Revista Latino-Americana de História

Discentes do Programa de Pós-Graduação em História da UNISÍNOS

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **“As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado”**.

In: A Revolução de 30. Ed. UNB, Brasília, 1982, p. 505-567.

SCHWARTZMAN, Simon. **“Educação e Cultura no Regime Vargas”**, in: A

Revolução de 30. Ed. UNB, Brasília, 1982, p.365-493.

Artigo recebido em 30 de julho de 2015.

Aprovado em 22 de novembro de 2015.